

## **Caminhos da cena de música eletrônica em festas de rua em SP: estéticas, territórios e ativismos na festa e no personagem Carlos CapsLock<sup>1 2</sup>**

Simone Luci PEREIRA<sup>3</sup>  
Oziel GHEIRART<sup>4</sup>  
PPGCOM – Universidade Paulista

**Resumo:** Este artigo apresenta alguns desdobramentos de pesquisa em andamento a respeito dos coletivos juvenis organizadores/produtores de festas de música eletrônica de pista, que surgiram em São Paulo a partir de 2010, migrando dos clubes para as ruas e tendo como elemento fundante as festas que ressaltam os usos dos espaços urbanos, os direitos LGBTQ+, corporalidades e estetizações juvenis, com forte viés político. Aqui analisaremos especificamente o personagem e a festa Carlos CapsLock, que resalta alguns aspectos históricos e mais recentes desta cena paulistana. Atentamos para a dinâmica e fluidez que movem esta cena, tanto pelas lógicas de produção e consumo cultural na cidade, como pelas mudanças na política institucional e macroestrutural vividas, e ainda por estas serem lógicas das próprias culturas juvenis e urbanas, que apresentam elementos emergentes, residuais e dominantes, criam múltiplas formas de associação e criação de redes.

**Palavras-Chave:** música eletrônica de pista; cultura urbana; ativismos; culturas juvenis; estética

Este artigo apresenta alguns desdobramentos de pesquisa em andamento a respeito dos coletivos juvenis organizadores/produtores de festas de música eletrônica de pista, que surgiram em São Paulo a partir de 2010 (PEREIRA e GHEIRART, 2018). Interessa-nos acompanhar esta dinâmica da cena da música eletrônica em São Paulo, que migrou dos clubes para as ruas e teve como elemento fundante as festas que ressaltam os usos dos espaços urbanos, os direitos LGBTQ+, corporalidades e estetizações juvenis, com forte viés político. Os coletivos e as festas se proliferaram na década de 2010 e se mantêm atuantes até os dias de hoje. As festas e as atividades dos coletivos evidenciam a centralidade da música e sua dimensão comunicacional nos meios urbanos (PEREIRA e LÓPEZ MOYA, 2018), reunindo pessoas para dançar, performatizar e visibilizar identidades, construir vinculações e ativismos (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014), formas de estar juntos, usar a cidade e ocupá-la sonora, social e culturalmente.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Autorizamos a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

<sup>3</sup> Professora e pesquisadora do PPG Comunicação da UNIP. Coordenadora do UrbeSom (Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação). Pesquisadora do GT CLACSO Juventudes e Infâncias na América Latina. Pós-Doutora em Música. Pós-Doutora em Comunicação. Pós-Doutora em Ciencias sociales, niñez y juventud. Coordenadora do GP Intercom Comunicação e Culturas Urbanas (2017-2020). E-mail: simonelp@uol.com.br

<sup>4</sup> Pesquisador dos GPs UrbeSom (PPGCOM-UNIP) e Juvenália (PPGCOM-ESPM). Músico e multi-artista, é Mestre em Comunicação e Práticas do Consumo (ESPM) e Doutor em Ciências Sociais (PUC/SP). E-mail: gheirart@yahoo.com

Nessa cena/circuito, destacam-se alguns protagonistas que compuseram uma linha de frente e, dentre eles, destacamos neste artigo Paulo Tessuto (e seu personagem Carlos CapsLock), paulistano, de 31 anos, que viveu a cena da música eletrônica paulistana dos anos 1990 e tem atuação nestas dinâmicas atuais que pesquisamos. Nos primeiros anos da década de 2000, estreou como DJ e nos anos seguintes se estabeleceu nos grandes clubes da cidade. Por conta da indignação do artista com relação à falta de criatividade, homogeneização e elitização que segundo ele se instituiu na cena, se envolveu com o coletivo internacional *Voodoohop*<sup>5</sup>, laboratório a partir do qual articulou e estruturou ações e intervenções artísticas e políticas. Em 2010, nasceu o personagem Carlos CapsLock, mistura de DJ, viral e performer e a primeira festa de música eletrônica (de mesmo nome do personagem) com ênfase no *house* e no *tecno*, e construindo novos modelos no que tange aos posicionamentos político-sociais, estilos/estéticas e tomada das ruas. Com o intuito de revitalizar a cena musical e cultural, o artista (dj, produtor, performer, artista gráfico) passou a produzir “multi-artes” na qual usa o corpo como mídia para circular questionamentos e apresenta uma sonoridade tecno-punk misturada ao *tecno* berlinense, *microhouse* e *samplers*.

O objetivo deste artigo - na busca por compreender percursos, nuances e aspectos desta cena recente de música eletrônica nas ruas de SP - é analisar a festa CapsLock, que existe e sobrevive desde 2010 e tem sido um modelo para outras festas na cidade. A escolha da CapsLock se dá porque a festa foi embrionária desse movimento e precursora de mudanças que aconteceram na noite de São Paulo, fazendo com que sua própria história nos dê elementos para analisar este processo mais amplo das dinâmicas desta cena analisada, em suas resistências, incorporações e negociações com lógicas mais hegemônicas. Possuindo uma bem formulada articulação entre o tema da festa, a cenografia, os performers, a estética/indumentária do público e o material impresso, a festa CapsLock nos ajuda a perceber alguns dos caminhos tomados por esta cena, os quais não são únicos e revelam diferenciações, controvérsias, conflitos, pontos de estabilização (LATOUR, 2012) dentro desta rede de coletivos juvenis. A metodologia usada se baseia em 1.) trabalho de campo de inspiração etnográfica (observação direta e utilização de diário de campo nas festas, com atenção aos seus aspectos imagéticos, musicais, sonoros, estéticos, interacionais); 2.) entrevistas; 3.) análise dos materiais de divulgação em *flyers* e na *fanpage* do Facebook nos seus elementos imagéticos e textuais.

Iniciamos trazendo alguns apontamentos sobre esta cena recente das festas de música eletrônica de pista, feitas por coletivos nas ruas, apontando algumas de suas características gerais bem como refletindo sobre questões do espaço, território e poder que ali se esboçam. Em seguida, analisamos o personagem e a festa CapsLock, ressaltando a trajetória de Paulo Tessuto, da festa, a “montação” e os textos publicados em

---

<sup>5</sup> Segundo o site do grupo, *Voodoohop* é um coletivo de arte estrangeira nascido de uma série de festas subterrâneas. Em 6 anos de eventos colaborativos, reuniu uma miríade de artistas de diferentes áreas – como DJs, artistas ao vivo, dançarinos e artistas visuais. Juntos criaram um cabaré tropical multissensorial, misturando visuais coloridos e exuberantes, combinados com elementos do patrimônio tradicional brasileiro e desempenho ritual. Na natureza nômade, o coletivo transformou espaços que vão desde edifícios abandonados até refúgios naturais, sempre experimentando diferentes mídias e formatos. Disponível em: <<https://voodoohop.com/>> Acesso em: 20/01/2019.

suas dimensões estéticas e performativas. Ao final, buscamos apresentar algumas conclusões parciais que nos revelam a pluralidade de caminhos abertos por esta cena e a diversidade de encaminhamentos que daí podem vir no futuro. Atentamos para a dinâmica, fluidez e certa rapidez que movem estas ações, tanto pelas lógicas de produção e consumo cultural na cidade, como pelas mudanças na política institucional e macroestrutural que estamos vivendo na cidade e no país, como também por esta ser uma lógica das próprias culturas juvenis e urbanas, que apresentam elementos emergentes que logo podem se tornar dominantes e/ou residuais (WILLIAMS, 1979), suas múltiplas associações e criação de redes, exigindo das pesquisas uma atenção às nuances, aos elementos incidentais, fragmentários, contraditórios sem buscar sínteses explicativas, mas mapeando as controvérsias (LATOURET, 2012) aí presentes.

### **Uma recente cena paulistana**

Straw (2013) desde os anos 1990 chama de cena musical determinados conjuntos de atividades social e cultural mais ou menos organizados, que nos convidam a refletir sobre as culturas urbanas por novas maneiras de conceber os territórios da cidade. Estes são constituídos em torno da música, sonoridades, dança, estilos, modas, estéticas, performatividade, gostos, identidades, podendo ser organizados segundo gêneros musicais, ou segundo as atividades sociais ali desenvolvidas, ajudando a construir lógicas de produção e consumo material e cultural, bem como a própria cidade e a vida urbana. Esta noção de cena musical/cultural nos ajuda a compreender questões e aspectos e lógicas desta movimentação dos coletivos juvenis ligados à música eletrônica e suas festas nas ruas e outros espaços de São Paulo nesta última década.

Em artigo já publicado (PEREIRA e GHEIRART, 2018), foi narrada nossa experiência de frequentar e nos inserir nesses espaços materiais e simbólicos das festas (*ODD, Vampire Hauss, Mamba Negra, Caldo, BLUM, Síntese Coletiva, Chorume, Düsk, Carlos CapsLock, Gop Tun*, entre outras) nas ruas e praças, em galpões e prédios próximos à região central, e também nos eventos organizados pela prefeitura de São Paulo (como o SP Música, dedicado à música eletrônica). Percebemos diversos formatos e práticas conjugadas nos eventos, tais como: a presença e centralidade dos djs, *live acts*, festivais agregados com performances e intervenções visuais.

Naquele início de investigação, fizemos contato com diversas pessoas relacionadas às festas, o que nos permitiu chegar num primeiro grupo com três festas: 1) *Mamba Negra* (um coletivo feminista que atua em várias pautas do debate público e que possui uma *label* e tem destaque internacional); 2) *Autônoma-Atemporária* (a festa foi um braço da *VoodooHop*<sup>6</sup> e tem um aporte nômade de reinvenção da experiência no espaço urbano caótico e tendo a música com elo das suas ações - o nome faz alusão as zonas de Hakin

---

<sup>6</sup> Festa que foi inspiração para essa recente cena e que surgiu em 2010.

Bey (2001); 3) *Síntese Coletiva* (a qual reúne músicos, estudantes e interessados em música; oferece cursos, consertam instrumentos e promovem escambos de equipamentos, festivais etc.).

Nesse primeiro momento, buscamos compreender 1.) as festas produzidas, analisadas a partir de pesquisa de base etnográfica, entrevistas com produtores e frequentadores, tendo em vista: a.) a sonoridade ali presente e a produção musical; e b.) as atividades de produção das festas, suas formas de organização, produção, divulgação, etc. Ao mesmo tempo, também queremos compreender 2.) as atividades “extrafesta” realizadas por esses coletivos, como cursos, oficinas, encontros, festivais etc. Na nossa análise, observamos que esta nova cena traz como características: 1) a centralidade da música – pista, produção, circulação, conexão, experiência sensorial; e as práticas musicais – DJs, músicos, produtores, *live-performers*, artistas visuais, técnicos de som, promoters; 2) as tecnologias de informação usadas na estrutura na produção, circulação e divulgação; 3) a recuperação de uma atitude underground expressa nos comportamentos, na estetização e nos engajamentos; 4) os desdobramentos de ações políticas e artísticas concretas. Observamos também formas de cidadania e de práticas musicais-midiáticas alternativas/autorais com funções estéticas, sociais e políticas.

As ações dos coletivos analisados salientam os sentidos políticos de tais práticas lúdicas e festivas, tanto por estarem articuladas a grupos e minorias discriminadas e pouco representadas na cena eletrônica, como trans ou pretxs (no caso mais específico da *Mamba Negra*); pelas formas mais autogestionárias, colaborativas e horizontais de produzir e divulgar a música eletrônica (mais enfatizadas pelo *Síntese Coletiva*); como também nas maneiras de pensar e usar os espaços públicos de São Paulo, os ocios da cidade esvaziados pelo medo urbano e pelas lógicas econômicas que valorizam os locais fechados, higienizados e controlados (no caso do coletivo *A-Temp*). Nessa disputa, avanços, recuos, seduções e resistências vão se desenhando em caminhos não previamente planejados, mas que fazem parte do cotidiano das ações desses grupos, reinventando o fazer político na pluralidade e na ampliação do acesso à vida urbana e à ocupação dos espaços fraturados da cidade. Mais ainda, eles veem a necessidade do fortalecimento das redes de colaboração e articulação entre si como a via mais efetiva para suas atuações e sua forma de luta, uma vez que “as forças mais conservadoras já estão organizadas e em consonância, buscando esvaziar o próprio conceito de cidade”, no dizer das organizadoras do *Mamba Negra*. Vão se elaborando, desta maneira, formas de atuação, organização, produção e acontecimento dessas festas de rua, em que todos (seja quem produz, organiza, toca ou dança) são participantes de um mesmo projeto e ideário, e fazem daquele momento uma brecha na rotina dos espaços centrais da cidade, ocupados por outros usos, transformados em territórios alternativos (HAESBAERT, 2002) por ações momentâneas e moleculares.

Em campo, e a partir de uma antropologia recíproca<sup>7</sup> (ROUCH, 1995), no período de um ano, nos aproximamos de coletivos que possibilitassem uma observação ampla e complementar para documentar e cartografar (FERNANDES e HERSCHMANN, 2015) e analisar esse fenômeno. Importante ressaltar que a música surge aqui como elo integrador, elemento comunicacional central destes eventos e das atividades e preocupações dos coletivos, desdobrando-se em muitos tentáculos, tais como o ativismo político em várias causas, o questionamento e ocupação dos espaços da cidade, bem como visualidades, estetizações e corporalidades ali acionadas e performatizadas.

Esta, aliás, é uma preocupação que vem orientando as investigações do GP UrbeSom (Culturas Urbanas, Música e Comunicação), vinculado ao PPGCOM da Universidade Paulista, do qual somos parte e ao qual está vinculado esta pesquisa abordada neste artigo. As cidades vêm revelando cada vez mais sua face comunicacional. Compreender a vida e as dinâmicas urbanas na atualidade implica em interpretar os espaços e territórios perpassados pelos fluxos de comunicação e informação. Comunicação aqui não vinculada exclusivamente aos meios de comunicação (ainda que estes sejam também importantes na compreensão das culturas urbanas), mas pensada como processo de trocas materiais e simbólicas, (des)encontros, dinâmicas de interculturalidade e negociação sociocultural, expressando e construindo as relações entre os sujeitos - humanos e não-humanos. Temos como objetivo compreender as múltiplas formas e configurações da comunicação urbana e o papel das práticas musicais e artísticas nas formas do viver nas cidades.

Uma certa movimentação com dimensões globais e locais trouxe à pauta a ocupação dos espaços urbanos desabitados ou não. Em São Paulo, isso foi visível na expansão do Carnaval de rua desde 2013, que deu grande espaço para a música eletrônica - chegando a reunir mais de 2 mil pessoas em uma festa. O aumento dessa demanda trouxe alguns enfrentamentos. As mudanças políticas na gestão da cidade culminaram numa grande turbulência, travando uma disputa entre o poder público e esses jovens atuantes nos coletivos e nas festas. Reia, Herschmann e Fernandes (2018) em pesquisa sobre música de rua no Rio de Janeiro, lembram que a ocupação não é apenas espacial, mas também sonora, social e cultural, uma vez que a música “transmite mensagem, sua interação transforma o espaço, interage com os sentidos, conecta as pessoas com o ambiente. [...] Só o fato de ocuparem espaços públicos que não foram originalmente desenhados para este fim, já as tornam um ato político” (2018, p.12-13).

As mais recentes mudanças na gestão da cidade de São Paulo, desde 2017, vêm resultando num desgaste que tem desestabilizado os coletivos. Podemos elencar como principais motivos: a) os processos para conseguir alvará de uso do espaço público se burocratizaram ainda mais - o que obrigou os coletivos

---

<sup>7</sup> A partir do cinema, o cineasta francês Jean Rouch propõe um modelo de etnografia trazendo o caráter participativo para registrar aspectos de uma cultura. O pesquisador busca com resultado a interação com o grupo a ser estudado e o processo é concebido de forma colaborativa.

a investirem em locações; b) os modelos gestionários que se constituíram em campo implicaram em instabilidade; c) a pulverização do grande público com o aparecimento de muitas festas no mesmo modelo causou certo esvaziamento dos eventos; d) os interesses dos grandes empresários do mercado de entretenimento fazendo pressão, não incluindo as festas em suas demandas e buscando cooptar ideias e artistas.

Os coletivos - especialmente aqueles que não tinham fins lucrativos - foram obrigados a pensar em novas estratégias e táticas, já que a demanda da população paulista de ocupar a cidade foi se solidificando. Com a pouca quantidade de alvarás liberados e que ainda limitava os horários até às 21h, as festas emendavam como os *afters* em galpões e locações improvisadas e dependendo de uma estrutura maior, o que acarretou numa certa padronização dos eventos. Hoje são poucas as festas que acontecem na rua, fora dos eventos controlados pela prefeitura - Dia Municipal da Música Eletrônica, criado pela deputada Soninha Francine; MIC (Mês Independente da Cultura); e a Virada Cultural Virada - que em 2018 foi transferida para a Chácara do Jôquei (na zona sul, distante do centro da cidade) e com programação que foi muito questionada pelos coletivos.

Algumas festas desistiram da burocracia dos alvarás e se mantiveram circulando de forma itinerante e independente em várias locações, até mesmo em clubes ou galpões e com estrutura logística e sonora mais profissional, como a *CapsLock*, a *Gop Tun* e a *ODD*. Estas festas mais estruturadas, com custo de 100 mil reais em média ou que contam com ajuda de patrocinadores, disponibilizam a venda de ingressos por lotes (trinta reais/ quarenta reais/cinquenta reais/ cem reais) em sites e com local revelado no dia do evento, acabando por reunir um público mais elitizado, possuindo melhor estrutura logística e sonora.

Por outro lado, há também as festas mais *underground* (o que se revela na gratuidade dos eventos, na ênfase política, na rusticidade da estrutura e dos equipamentos sonoros) que abriam mão do ingresso e fazem seu capital a partir do consumo do bar, contando com a contribuição de alguns frequentadores, e mantendo um *ethos* mais agregador, democrático, horizontal que une camelôs, jovens da periferia, entre outros. Pedem ajuda para pagar o som, cobram ingresso a preços baixos ou deixam a entrada de graça até a 1h da madrugada. Estas seriam a *Vampire Hauss*, a *Caldo* e a *BLUM*, que formam um conjunto de coletivos e festas também existente ainda hoje na cena e que analisaremos mais detalhadamente num outro artigo.

Pode-se perceber que estas festas são também atos políticos inseparáveis de suas dimensões lúdicas e afetuais, por onde circulam questões como arte urbana, inclusão, mobilidade, políticas higienistas e ocupação de espaços da cidade. Estes agentes produtores/ organizadores das festas, ao buscarem meios criativos para (re)inventarem formas de estar juntos, produzir, fazer e divulgar eventos, se apropriar da cidade, re-territorializar lugares e outorgar sentidos políticos à estas experiências urbanas. Além disso,

percebemos também as articulações entre política e estética (RANCIÈRE, 2009) que resultam em novas formas de sensibilidade e na construção de formas de viver e de usar a cidade.

### CapsLock – a festa e o personagem

Desse cenário, destacaram-se alguns personagens, personalidades e *trendsetters* (GARCIA CANCLINI et al, 2012), que compuseram a linha de frente; dentre elas, o artista Paulo Tessuto. Paulistano, de 31 anos, aficionado pela música eletrônica dos anos 1990 quando aos 16 anos conheceu um clube noturno. Em meados de 2006 estreou como DJ e nos anos seguintes se estabeleceu nos grandes clubes da cidade.

[...] eu tinha uns 5 ou 6 anos. Minha prima comprava aquelas revistas que vinham com CD, coisa dos anos 90. Ela também ia para as matinês. Às vezes eu ia com a minha tia, que levava ela. Pra voltar, ela se virava rs. Agora nas pistas foi com 16. Na época eu tinha ido morar na república de jogadores de basquete do Clube Pinheiros e alguns rapazes iam para um tal de **Lov.e** ouvir um tal de **Marky Marky**. Na época tudo aquilo soava tão desconhecido para mim. (MUSIC DONT STOP)

Segundo relata, por conta de sua grande indignação em relação à falta de criatividade que se instituiu na cena de música eletrônica, em grande parte devido ao modelo saturado do consumo e cultura fashionista, ele se envolveu com o coletivo *Voodoohop* onde atuou como *performer* e *dj* residente. A partir daí, o artista articulou e estruturou uma novos sentidos políticos na cena, baseada em intervenções artísticas e ativismos. O cenário de crise no mundo contemporâneo onde habita uma juventude órfã do projeto da civilização, fez surgir e ganhar certa visibilidade figuras bastardas (AMADO e RINCON, 2015) que fazem suas políticas de sobrevivência e re-existência.

Com o intuito de revitalizar a cena musical e cultural eletrônica, Tessuto constituiu uma certa política de resistência espiralada e mutante. O artista (dj, produtor, performer, artista gráfico, agitador cultural) produz uma arte única para alicerçar o universo que cria; inclui seu corpo-mídia que circula questionamentos, estilos de vida; constrói um campo sonoro com tecno-punk que mistura *tecno*, *micro house* e *samplers* (incluindo referências da música brasileira). A partir questionamentos que surgem deste universo, promove interações, engajamentos, ressoa nos espaços urbanos o diálogo entre o sujeito e a cidade contemporânea.

O artista construiu o anfitrião Carlos CapsLock: um mix de DJ, viral, personagem e performer. De acordo com Tessuto, o nome veio de uma brincadeira. Carlos é um *nerd* e designer de teclados que convida as pessoas para seus eventos e interage com eles por meio de identidade visual e sensorial. Com o passar

do tempo, o personagem foi incorporando outras estéticas. Virou Drag no Cine Marrocos, na festa Despedida De Solteiro onde se vestiu de noiva.

## A FESTA



A *Carlos CapsLock* foi a primeira festa de música eletrônica (house/techno) a seguir esses novos modelos e padrões de comportamento, posicionamento político-social, fora de espaços conhecidos e nas ruas.<sup>8</sup>

### FESTA CARLOS CAPSLOCK

**Residentes:**

\_ TESSUTO \_ L\_CIO \_ SHADOW MOVEMENT \_ STROKA \_  
PACO TALOCCHI

Nasceu em 5 de dezembro de 2010

**Missão:**

SUBVERSAO, DEFORMAR OPINIOES, BANALIZAR VALORES,  
TRAZER SORRISOS, ABATER URUBUS, ME LAMBE

**Produtos:**

FESTA  
SUBVERSAO  
DIVERSAO  
WORKSHOPS  
PALESTRAS  
INSTALAÇÕES  
FEIRA ORGANICA  
VEDA ROSCA  
QUER BEBE?  
CAPSULAS COLORIAS  
ULTRAFARRA  
IGREJA BOLA DE NEVOA  
CAPSLOCK TV  
HOUSE OF NINGUEM  
RIVOTRIO  
PCC (PARTIDO CARLOS CAPSLOCK)  
REVOLUÇÃO A FRANCESA  
A VOLTA DE PAOLA BRACHO  
DISSEMINAR SUA CULTURA ARTIFICIAL

A festa começou em dezembro de 2010, apresentando *tecno*, *disco*, *house* e eletrônico experimental. Tessuto queria transformar a cena da música eletrônica – que, segundo ele “era elitista, tinha pouca arte e parou no passado” - e atrair um público novo. Além de construir o personagem com um sentido conceitual particular, ele desenvolveu uma comunicação inspirada na estética de telenovelas e de fanzines para dialogar com o público (exclusivamente pela internet – hoje é seguido por mais de 24 mil pessoas). Mantinha essa interação durante os eventos com os artistas integrantes do coletivo (Kaka Toy, Elloanigena, RONALDA, Alex Honda etc.) e por sugestão de *dress code* para os participantes. Os encontros se transformavam em atos políticos. E o aspecto itinerante da festa contribuiu para a circulação e fluidez do movimento.

A festa se instituiu e para poder continuar precisou se adequar à legalidade. No percurso, promoveu a inclusão com festas gratuitas (em seguida com ingressos a preços baixos) e o uso e ocupação de áreas abandonadas ou esquecidas na cidade. A festa também abriu espaço para as performances mais variadas de LGBTQ+ e com uma ambientação de iluminação e projeções atraiu uma gama diversificada de pessoas que procuravam se expressar e se (re)conhecer. Tessuto sintetiza a festa “como refúgio dos oprimidos”.

O movimento se espalhou por todo Brasil. Cidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba, Salvador, Porto Alegre possuem hoje festas com esse formato. Tessuto é dj agenciado e hoje circula pelo Brasil e pelo Mundo. Em São Paulo, além de um público único e específico como no caso da CapsLock,

<sup>8</sup> Carlos Capslock, Tessuto e a ocupação livre das ruas! Gabriel Alexandre, disponível em: <http://soulart.org>. Acesso em 20/06/2019



existem várias festas de música eletrônica de pista acontecendo no mesmo dia, em quase todos os finais de semana, o que reflete o sucesso desse modelo.

No entanto, para entendermos o caminho que a festa percorreu, procuramos insumos. Elementos, aspectos para uma análise que nos permita entender como se movimentaram esses coletivos nesses anos bem como alguns acontecimentos que os atravessaram. Foi quando chegamos na fanpage no Facebook, na sessão de eventos. Analisamos os eventos realizados entre junho de 2012 e setembro de 2018. Num total de 76: misturando festas, *afters*, participações extra-festa e outros eventos culturais que organizaram ou que participaram.

De imediato, chamou-nos a atenção as temáticas das festas (das quais falaremos abaixo) e, principalmente, o discurso do personagem expresso em sua comunicação. A escrita só contém letras em caixa alta, quase sem pontuação, flexionando a língua e agregando novos sentido às palavras, criando novos conceitos (como ravelização, por exemplo); as vezes fazendo desenhos com caracteres.

Nesse primeiro evento analisado, Carlos CapsLock funda seu partido, o PCC - Partido Carlos CapsLock, em ironia ao horário eleitoral gratuito daquele ano de 2012. Dos 8 eventos de 2012, notamos que parte dos temas fazem associação direta às questões políticas - como a construção da usina de Belo Monte e as eleições da Cidade. As festas ocorreram na Trackers - espaço alternativo localizado no centro da cidade que abrigou as festas mais interessantes e descoladas. Ocorreram também festas ao ar livre, nos eventos da prefeitura ou em datas programadas. Lançou o Rivotrio, trio elétrico de música eletrônica que circula pela cidade. CapsLock anuncia a morte do personagem e demonstra um desconforto com as brigas na cena que começam a acontecer: a “GUERRA DO UNDERGROUND”.

11/5 UFC - ULTIMATE FIGHTING CAPSLOCK  
[[[[[ENTRADA SOMENTE COM NOME NA LISTA E PROTETOR BUCAL]]]]]  
UM NOVO CONCEITO DE LUTA...ARTISTAS, PERFORMERS, DJS,  
PRODUTORES...AGUARDEM O ANUNCIO DAS LUTAS! COMPRE SUA  
CAMISETA, O SEU BONE E VENHA PARA O UFC PORQUE SO SE FALA  
EM OUTRA COISA. VOCE VAI DESACREDITAR!

Nota-se também tentativas de interação com o público: pedindo pra subir no palco, promovendo festivais de vídeo ou concursos de artes de flyer, conscientizando sobre lixo gerados nos espaços e convidando outros coletivos para fortalecer a ação.

Nos 12 eventos de 2013, as questões políticas permanecem de forma subentendida, mas os temas giraram em torno de uma crítica da cena, com a "Festa Junina Glam + Rodeios de Merda" ou "República do Camarote: House Ostentação". A "Festa da Firma" parece ironizar os coletivos, as chamadas painéis. Nesse ano, destacamos a festa no 'Anhangabaú da Felicidade' e a participação em eventos como Pop Porn; Carlos também foi pra 'Berlim do Pará' e desafiou o público no *quiz*, "por que eu quis".

CONCURSO CULTURAL CARLOS CAPSLOCK PORQUE EU QUIZ??  
CARLOS CAPSLOCK PORQUE EU QUIZ, RESPONDA A PERGUNTA QUE  
NAO QUER CALAR. POSTE UM VIDEO PARA A GENTE CONTANDO O  
QUE VOCE FEZ E PORQUE...PORQUE VC QUIS! OU ENTAO POSTE UM  
MEME DO CAPITAO CAPSLOCK EXCLUSIVO CRIADO ESPECIALMENTE  
PARA A CAPSLOCK PORQUE EU QUIS. COMO? TODAS AS PESSOAS QUE  
FIZEREM VIDEOS/MEMES E POSTAREM NO MURAL DO EVENTO  
GANHARAO ADESIVO DO CAPSLOCK, SABE PORQUE? PQ EU QUIS!!!!

O ano de 2014 parece ter sido o auge das festas: foram eventos quinzenais, 20 no total, e um aumento do público. Neste ano, o crescimento dos eventos da prefeitura foi notório: SP na Rua, Virada Cultural e MCI. Teve também outra edição do Rivotrio circulando pelas ruas e uma tarde no Ibirapuera. Começou com a comemoração dos 3 anos da festa e, no decorrer do ano, frisou temas políticos: deu apoio aos rolezinhos que aconteciam naquela época, demonstrou preocupação com a crise da água e racionamento na cidade, atentou para o sucessor do Papa Francisco em visita ao Brasil e para mudanças nas políticas do trabalho.

Teve como ápice a participação na ocupação do Cine Marrocos - na qual destinou 50% da renda para a ocupação. Carlos ainda anunciou sua mudança para Berlim! A festa ainda abriu oportunidades para novos djs enviarem seus trabalhos e ainda participou de 2 exposições, uma na 'Galeria de Arte Carlos CapsLock'. Observamos também uma interação com o coletivo Mamba Negra (festa que discutimos em artigo anterior).

14/11 RACIONAMENTO: A FESTA - CARLOS CAPSLOCK CONVIDA PRO  
FIM  
[[[[[ENTRADA SOMENTE COM NOME NA LISTA]]]]] BASTA CONFIRMAR  
PRESENÇA  
CONFORME ANUNCIADO NO COMEÇO DO ANO A FESTA CAPSLOCK  
CHEGA AO FIM DE SUA JORNADA. E O FIM...DOS TEMPOS? TEMPOS...DE  
CE CURA?  
RISPIDEZ CORPO ORAL LAVANDO A CALÇADA COM O CARRO  
ECONOMIZANDO PRA QUE ACABE MENOS  
QUEM TEM POLPA TEM FESTA RACIONAMENTO CHEGOU COM UM  
NOVO CONCEITO O DA ECONOMIA.  
ENTRADAS: EVITE DESINTELIGENCIAS

O ano seguinte, 2015, apesar dos eventos da prefeitura terem se mantido, os alvarás começaram a se tornar cada vez mais difíceis de serem obtidos, o que explica o surgimento das festas *after* emendadas. Pela terceira vez, acontece o Rivotrio. São 14 festas nesse ano: contou com a participação de diversos artistas de Berlim, inclusive Carlos esteve lá por alguns meses, com workshops de formação com temas relacionados à produção musical, *biohacking* e serigrafia. A festa abordou temas sobre golpe de Estado contra o Partido dos Trabalhadores e Dilma Rousseff e participou do 4º Ato Despatriarcalização. CapsLock passa por uma mudança estética: anuncia a idade à Berlim para fazer mudança de sexo e faz uma festa com

os djs montados – inicia-se aí a montagem do personagem. Lança também o selo musical do coletivo chamado MEMNTGN.

AS MINA PIRA CAPSLOCKDESGRAÇANAPRACA  
QUEM TEM MEDO DOS CARETAS?  
FESTIVAL DA DESPATRIARCALIZAÇÃO  
RITUAL MULTI LINGUAGEM EM DEFESA DO ATO TOTAL  
PRA FAMÍLIA INTEIRA QUEIMAR E ROLAR  
ESSE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELO EDITAL REDES E RUAS DE  
INCLUSÃO, CIDADANIA E CULTURA DIGITAL

Com 6 anos, a festa já estava bem estabelecida, com atrações internacionais: foram 12 festas em 2016. Algumas delas com exposições, workshops e oficinas. Permaneceu nos eventos da prefeitura e com a nova edição do Rivotrio. As pautas políticas fervilharam: apoiando as informações divulgadas pelo Wikileaks, ironizando a Operação Lava-Jato, a venda do pré-sal, a PEC 171, o "MISS TÉRIO DA CULTURA".

3/12 Carlos CapsLock The Warriors X Kompakt / DOC Choqueise  
CARLOS CAPSLOCK & MILLER MUSIC & APRESENTAM:  
D.O.C. MEETS KOMPACT  
DEU A LOCA NA GERENTE. VENHAM GUERREIROS, DE TODOS OS  
CREDOS, DE TODAS AS RAÇAS, DE TODOS OS BAIRROS, DE TODAS AS  
VILAS, DE TODOS PAISES, DE TODAS CIDADES, DE TODOS ESTADOS,  
DE ESTADOS NAO RECONHECIDOS. THE TIME IS COM MIM!  
SELVAGERIA, INSEGURANÇA E NADA A PERDER. TUDO ISSO E MUITO  
MAIS SO AQUI EM BRAZIL. CARLOS CAPSLOCK CONVIDA PARA A  
FESTA DE ENCERRAMENTO DE 2016! QUE SOBREVIVAM OS  
MELHORES E MAIS PREPARADOS GUERREIROS!

Em 2017, as festas começam a se pulverizar, o que reduziu o público e o número de edições. Foi quando começam os patrocínios e o início de uma fase mais padronizada. Trazemos como destaque o CCCC - Centro Cultural Carlos CapsLock, numa antiga fábrica de azeite alugada, na Freguesia do Ó. Nesse espaço, dos 14 eventos, 3 foram edições de uma feira orgânica, com workshops, exposições e filmes. Lá funcionava a ÇÇÇÇ - Çala Çatéelite Çarlos Çapslock - de *live streaming*. Entre festas na rua ou em galpões próximos ao centro, CapsLock lutou pela cultura: "LUTARMOS PELA NOSSA CULTURA QUE VEM POUCO A POUCO SENDO MINADA DE NOSSAS VIDRAS"; pede novas eleições com D-JÁ DIRETAS JÁ. Depois de falar sobre revolta, revolução, propõe começar uma nova cena, zerando modas, já com famosos nomes nacionais e internacionais nos *lines*.

29/7 Carlos CapsLockChammaRave (S)olucao In DustrialPos Verdade  
NAO DEIXEMOS QUE A REVOLUÇÃO SEJA COMO A JUSTIÇA QUE  
TARDA, TARDA E TARDA PRA FALHAR!

---

A DANÇA ASSIM COMO A REUNIAO FEZ FAZ E SEMPRE FARA PARTE DE QUALQUER REVOLUÇÃO, SEJA ELA INDUSTRIAL, A FRANCESA OU EMPANADA.  
NAO DEIXEMOS QUE A POS VERDADE DAS LISTAS VIBORA DEVOREM NOSSOS PAÇOS DE GIGANTE ATORDOADO.  
DE VOLTA A FABRIKA NOSSA NOVA CASA!  
VEM QUE TEM TREM!  
CARLOS CAPSLOCK CHAMMA RAVE (S)OLUÇÃO IN DUSTRIAL!  
OPERAIOS HA VANTE!  
NOS SOMOS A MASSA E A MASSA TA MASSA PRA CARAI!  
\_\_\_\_DRESS CODE: INDUSTRIAL / GUERRILHEIRA R\$45 NA POTÁ

O último ano da nossa análise, 2018, tem um retorno à *house music* e um olhar para o seu legado: ressaltando a *dj culture* e a cultura *rave*, buscando se conectar com as ideias originárias da festa. Aumentam as atrações internacionais e ocorre a festa que encerra nossa análise, da qual participamos presencialmente, na comemoração de “7 anos e meio”.

07/9 Carlos CapsLock Entra Numas de Anos 90's  
OS ANOS 90 COMEÇÇARAM COM INSTABILIDADE, COM O CONFISCO DAS POUPANÇAS CLUBBERS MAIS AI WEIO O PLANO IRREAL QUE DEU UMA LUZ NO FIM DA PISTA.  
O PLANO REALL EH LANÇÇADO EM 1994.  
A CULTURA BRASILEIRA TORNOU-SE MAIS VALORIZADA, COM A RESSURREIÇÇAO DO CINEMA E A BOA RECEPÇÇAO DE MUSICOS BRASILEIROS NO EXTERIOR  
POPULARIZAÇÇAO DO WINDOWS, CELULARES MOVEIS, PAGERS, OVELHA DOLLY, MORTE DO CAZUZA, RENATO RUSSO, MOVIMENTO DA MUSICA ELETRONICA, TEMOR DO BUG DO MILENIO, SISTEMA LINUX, DVD, PLAYSTATION, SUPER NAO ENTENDO E MEGA DRIVE.  
HUBBLE, SONDA GALILEU, REUNIFICAÇÇAO DA ALEMANHA, CAZUZA E RENATO RUSSO. UFA! EH COISA PAH MAIS DE METROW E PRA CELEBRAR ESSA DECADA QUE MARCOU A VIDA DE MUITAS CLUBBERS E CLUBERS, [#CARLOSCAPSLOCK](#) ENTRA NUMA DE ANOS 90

## Considerações Finais

A pesquisa que realizamos (da qual este artigo é fruto) tem como objetivo central a realização de uma cartografia da cena de coletivos juvenis de festa de música eletrônica de pista, que surgiram em São Paulo a partir de 2010. Eles se proliferaram nos anos decorrentes, tiveram um crescimento expressivo em 2013 e se mantêm atuantes, apesar de muitas mudanças, até os dias de hoje. Seus (des)caminhos, suas dinâmicas, controvérsias, bifurcações, parecem apontar para sentidos difusos que esta cena vem tomando na atualidade. Por um lado, algumas festas vêm se adaptando a uma lógica mais próxima do *mainstream* já conhecido na cena eletrônica, ao cobrar preços altos, construir uma estrutura de evento cara e sofisticada (seja nas instalações, seja no equipamento sonoro) e atrair como frequentadores parcelas da elite. De outro modo, algumas festas já deixaram de existir, seja por convicções ideológicas, seja por não terem conseguido driblar as regras e o controle cada vez mais ostensivo das instituições (prefeitura, polícia, mercado). Por

outro lado, há também as festas que seguem resistindo e reinventando-se, cada vez mais engajadas e expressando seus sentidos políticos de inclusão, de mobilidade, de uso e ocupação da cidade.

As transformações pelas quais a festa passou refletiu também no *frontman* mutante Carlos CapsLock e na carreira do dj Paulo Tessuto que deslanchou. Tessuto diz que nem imaginava onde ia chegar. Os frequentadores habituais foram unânimes: “está muito diferente agora”. Mas é nítido o esforço da CapsLock para se manter interessante e com uma essência que permeie toda a sua duração. A festa começou dentro de outra festa, estabeleceu-se fora e se transformou num fenômeno replicado por diversos coletivos. A partir daí, a diluição parece ter sido inevitável, somado com o cenário político, social, econômico e cultural que vivemos nos últimos anos. As saídas foram múltiplas: ora se rendendo a patrocinadores para viabilizar a festa, ora tendo um lugar próprio – que pode ser retomado no futuro. As práticas foram se adaptando para que a ideia, mesmo que já longeva, continue.

Analisar o personagem e a festa CapsLock é uma forma de acompanhar diferentes momentos desta cena musical nesta década, desde seus primórdios de presença nas ruas, passando pelo momento de proliferação das muitas festas e coletivos, alcançando um certo auge em 2013 até 2016, e seu momento atual de indefinição e abertura de novos e múltiplos caminhos bifurcados e controversos. O encaminhamento tomado pela CapsLock, se não é um modelo necessariamente seguido por todos os coletivos e festas da cidade, aponta para ambiguidades e contradições presentes nas cenas musicais, urbanas e juvenis e um certo caminho futuro. Os caminhos de internacionalização e até certa elitização que acompanham esta festa revelam aspectos para os quais podem se direcionar as cenas musicais (como esta que se baseou nas ruas), de um certo esvaziamento de conteúdos mais explicitamente políticos, subculturais e *underground*, acompanhado de processos de profissionalização crescente. No entanto, isso não faz com que estejam excluídas formas estéticas, corporais e sonoras que se querem questionadoras e até disruptivas. Estas contradições parecem ser a riqueza da cena e da festa em questão.

Neste artigo, buscamos avançar na cartografia que estamos construindo dos coletivos e festas de música eletrônica nas áreas centrais de São Paulo. Nesse cenário, avistamos esses jovens que herdaram efeitos das crises econômicas e sociais basilares do século XXI, no qual a precarização parece ser a regra, bem como a ausência do Estado na promoção de bem-estar social e cultura. Aliadas às novas formas de visibilidade e empoderamento juvenis de grupos minoritários como negros, trans, mulheres, grupos LGBTQs, periféricos, vão se esboçando por meio destas festas analisadas novas formas de inventar e viver a política, algo que buscamos aqui compreender investigando modos e meios de articulações e associações juvenis nos coletivos que promovem festas de música eletrônica de pista em São Paulo.

Judith Butler já na década de 1980 definia a noção de performatividade como dizendo respeito àquelas características dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, já têm o poder de trazer algum fenômeno à existência. Em diálogo com J.L. Austin e J. Derrida, a autora asseverava que a

performatividade é um modo de nomear um poder que possui a linguagem de produzir efeitos. Nas décadas seguintes, Butler atualizaria este conceito para incluir os atos corporais como performativos, tanto para compreender a formação do gênero, como também para compreender as manifestações dos grupos em aliança nas ruas (BUTLER, 2018). Ora, esta noção corporal definitivamente política para Butler, nos ajuda a compreender as corporalidades envolvidas nas festas que aqui analisamos. Corpos que se montam, se vestem, se despem, se encontram, se articulam e se vinculam, performatizam identidades e ocupam as ruas e outros territórios sublinham a dimensão política destas festas numa dimensão performativa da própria política, uma vez que está ancorada em ação e engajamento de afetos e corpos em formas de estar e fazer coisas juntos.

Temos buscado vestígios de ações, de realizações, desdobramentos e, principalmente, indícios de novas maneiras de pensar e experimentar o político (MOUFFE, 1993). Entendemos o estar juntos e ocupar a cidade como possibilidade de uma nova multidão (HARDT e NEGRI, 2005) e com outras configurações de vida, resistências e (re)existências em formas de brechas e fissuras nos sistemas políticos e econômicos, no Estado, nas lógicas do funcionamento da cultura e do entretenimento na cidade de São Paulo. Uma (re)existência que se perfaz usando a música, a dança, a corporalidade, a performatividade em novas maneiras de ser e estar na cidade. Estes jovens ativistas musicais/culturais/urbanos resistem à velocidade dos fluxos metropolitanos, reconfiguram o tempo num processo de prolongamento, lutam contra a agilidade da indústria da cultura e se aproveitam da velocidade das redes.

Buscamos entender a configuração de experiências e das práticas juvenis desses coletivos de música eletrônica que parecem ser pilares de zonas autônomas temporárias. Esse conceito de Hakim Bey (2001) auxilia-nos na análise dos movimentos ali gerados e os sentidos sociais e políticos num contexto de confronto com o Estado: com estratégias de ocupação de áreas, de localização temporária, de economia própria, de estilos de vida, de ocupação do espaço público, de ações políticas etc. A configuração de experiências em zonas autônomas temporárias (BEY, 2001) e em espaços heterotópicos (Foucault, 2015) que aí se estabelecem, apontam para a dimensão espacial/territorial e sua importância para a possibilidade, a afirmação e a potência da diferença (MASSEY, 2005).

Interessamos também pelos desdobramentos políticos, das irrupções a favor das pautas comuns que resultam numa composição grupos ou de bandos que, dentro da experiência urbana reúnem bastardos, periféricos, nômades, etc. Como Rancière (2009), acreditamos que a relação política pertence à materialidade das coisas. Vemos nesse acontecimento um jogo entre política e estética que resulta em novos modos de sentir, afetar-se e ser afetado.

---

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Adriana e RINCÓN, Omar. La reinvencción de los discursos o cómo entender a los bárbaros del siglo XXI. In: \_\_\_\_\_ (Eds). **La comunicación en mutación: remix de discursos**. Bogotá: Friedrich Ebert Stiftung, 2015.
- BEY, Hakim. **TAZ - Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Ed. Konrad, 2001 (Versão digital - Coletivo Sabotagem).
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FERNANDES, Cintia e HERSCHMANN, Micael. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**. v.17, n.3, 2015. p.290-301.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços – Heterotopia. In: \_\_\_\_\_ **Ditos e escritos. vol. III – estética: literatura e pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 428-438.
- GARCIA CANCLINI, Nestor et al. **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Madri: Telefonica, 2012.
- HAESBAERT, Rogerio. **Territórios alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/EdUFF, 2002.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Intercom, 2014.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o social - uma introdução à Teoria Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012.
- MASSEY, Doreen. Filosofia y política de la espacialidade – algunas consideraciones. In: ARFUCH, L. (org.) **Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias**. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- MOUFFE, Chantal. **El retorno de lo político: Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical**. Barcelona: Paidós, 1993.
- HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- PEREIRA, Simone Luci; GHEIRART, Oziel. Coletivos de música eletrônica em São Paulo: usos da cidade, culturas juvenis e sentidos políticos. **E-compós**. v.21, n.3. 2018.
- PEREIRA, Simone Luci; LÓPEZ MOYA, Martin. De músicas, sons e dissonâncias: experiências de pesquisa nas ruas de duas cidades. **Trabalho apresentado no GT Comunicação e Culturas Urbanas do 41º Congresso da INTERCOM. Anais....** Joinville/Brasil, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- REIA, Jhessica; HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cintia. Entre regulações e táticas: músicas nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. **Famecos - mídia, cultura, tecnologia**. Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-23, set-dez/2018.
- STRAW, Will. Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: JANOTTI JR, J. e SÁ, S.P. (orgs.) **Cenas musicais**. Guararema/SP: Anadarco, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.